

## INTRODUÇÃO

A pintura baiana na transição do Século XIX para o XX é predominantemente representada nos acervos públicos e privados, por artistas ligados à Escola de Belas Artes da Bahia - Ebab e Liceu de Artes e Ofícios. Poucos foram os pintores que conseguiram seguir para a Europa em viagens de aperfeiçoamento, alguns através de concursos dentro da Escola de Belas Artes da Bahia e outros contemplados com subvenções do estado. Quase todos seguiram para a Academia Julian de Paris onde permaneceram entre dois e quatro anos. A maioria retornou à Bahia, dividindo suas carreiras artísticas com o magistério.

Nossa historiografia simplifica as artes baianas do início do Século XX no rótulo de “acadêmica”, dando destaque aos artistas formados na EBAB e no Liceu de Artes e Ofícios. Poucos historiadores se interessaram em pesquisar as fontes primárias dessas instituições, preferindo repetir informações do historiador baiano Manuel Querino ou das poucas crônicas que surgiram em periódicos baianos. Vale destacar os trabalhos de Acácio França, Sílio Boccanera Junior, Braz Hermenegildo do Amaral e Laudelino Freire.<sup>1</sup>

Os textos dos autores citados cobrem, cronologicamente, o final do Século XVIII, todo o Século XIX e os primeiros vinte anos do Século XX. Abordam as artes “oficiais”, ou seja, arquitetura, pintura e escultura, evitando as artes indígenas, populares, africanas ou afro-brasileiras.

Rafael Spínola (1923, p. 8) registrou suas impressões sobre uma exposição coletiva na Casa da Bahia (IGHBA), em comemoração aos 100 anos de independência da Bahia. A exposição contou com a participação de Vieira de Campos, Fritz Oswald, Oséas Santos, Presciliano Silva, Robespierre de Farias e Alberto Valença. O autor lembrava que a EBAB estava em ruínas, só não fechando as portas devido aos esforços hercúleos de meia dúzia de artistas, e que “a queda era inevitável”.

---

<sup>1</sup> Os diversos textos dos autores podem ser conferidos nas referências bibliográficas.

Spínola julgou “Presciliano e Oséas, artistas consagrados, Robespierre e Valença, em crescimento”, e chamou Vieira de Campos de “mestre da paisagem”. Também lembrava que as obras de Lopes Rodrigues em outros meios valeriam fortunas. Um jornal do *Recife* lembrava que Manoel Lopes Rodrigues e Conceição Foeppel, ambos falecidos, foram homenageados, nesta exposição, com alguns trabalhos (A DATA... 1923, p. 1).

Ainda na década de 1920, não se percebe uma grande distinção entre aqueles artistas. Essa compreensão de grupos opostos, pelas características das suas pinturas, foi algo proposto nas décadas seguintes. Esporadicamente surgiram pequenos textos sobre os mesmos artistas ligados à Escola, ganhando maior projeção os textos desenvolvidos por Carlos Chiacchio nas colunas dos jornais *A Tarde* e *O Imparcial*.

Também devemos lembrar da produção historiográfica do final da década de 1940 e dos anos de 1950, desenvolvida principalmente o âmbito da Escola, que privilegiou seus artistas/professores ou aqueles que se aperfeiçoaram fora do Brasil. Não obstante, alguns não foram inseridos.

Desse período, estão os textos dos professores da Ebab Octávio Torres (1885-1963), Américo Simas (1875-1944), Mendonça Filho (1895-1964), Carlos Sepúlveda (1893-1962), entre outros. Fora da instituição, quando se comentava sobre a Escola, ou repetiam as informações dos textos mencionados acima ou, seus autores, estavam comprometidos com o pensamento modernista, que condenava a arte “acadêmica”.

De acordo com a historiografia desenvolvida a partir da década de 1930, a produção pictórica durante a primeira República foi dominada por Manoel Lopes Rodrigues (1861-1917), entre o final do Século XIX e primeiros anos do XX, seguido por três pintores mais jovens, a saber, Presciliano Atanagildo Isidoro da Silva (1883-1965), Alberto de Aguiar Pires Valença (1890-1983) e Manoel Ignácio de Mendonça Filho (1895-1964) e, desde então, nossa historiografia segue essa tradição, que liga Manoel Lopes Rodrigues a Presciliano Silva ocultando toda uma produção artística contemporânea aos dois pintores.

A tese recorreu a textos e jornais sobre as artes entre as décadas de 1880 e 1960, revelando que haviam outros artistas com produções pictóricas reconhecidas e

respeitadas por instituições e pela sociedade, revisando algumas informações sedimentadas em nossa história. Nosso objetivo principal é entender e identificar quem eram os artistas consagrados e como sofreram um processo de ocultamento.<sup>2</sup>

Para entender as mudanças, a partir da década de 1930, e os motivos envolvidos, analisamos nossa historiografia sobre as artes produzidas na primeira metade do Século XX, e seus reflexos nos textos de autores modernos. Nessa caminhada, buscamos indícios nos documentos da Escola e em uma complexa rede de memórias produzidas fora da instituição, o que revelou um cenário artístico diferente. Desse modo, foi possível perceber que informações recorrentes, equívocos e alterações históricas contribuíram com a exclusão de muitos artistas.

A década de 1930, foi o período que marcou essa mudança. O pensamento e a ideologia modernizadora, da Revolução de 1930, valorizava o progresso e apagava os resquícios de um passado imperial. Buscava-se uma nova identidade para o Brasil, baseada em suas raízes coloniais. O momento foi analisado dentro do contexto político, social e cultural baiano, a partir das condições vividas pelos artistas na Escola.

Lembramos que foram numerosos os artistas baianos formados na EBAB e também no Liceu de Artes e Ofícios nos últimos anos do Século XIX e nos primeiros anos do Século XX. Manuel Querino (2018, p. 182) indica diversos pintores cuja procedência e produções hoje pouco sabemos: Domingos Rufino da Cruz, Enedino José de Santana, Januário Tito do Nascimento, Emídio Augusto de Mattos, Wenceslau Vieira de Campos, Carlos Costa Carvalho, Boa Ventura José da Silva, Júlio Magalhães Macedo, André Pereira da Silva, José Lauro de Azevedo, Antonio Gentil do Amor Divino, Angelo da Silva Romão, Pedro José da Rocha, entre outros.

Diante de dezenas de pintores excluídos de nossa historiografia moderna, elencamos alguns para o aprofundamento em suas biografias e análise de suas produções. Nessa direção, escolhemos para este estudo os pintores Oséas Alves dos Santos (1865-1949), Francisco Terêncio Vieira de Campos (1865-1943), Archimedes José da Silva (?-1933), Robespierre de Farias (1884-1975), Antônio Olavo Baptista (1878-

---

<sup>2</sup> O primeiro a falar sobre o esquecimento dos artistas pesquisados foi Agrippiniano de Barros (BARROS, 1932, p.2).

1953) e Lourenço Virgílio (ou Virgínio) da Conceição (?-1944), pois o mesmo aparece em notas de jornais com os dois nomes.

Todos os artistas pesquisados foram formados na Escola de Belas Artes da Bahia, um grupo, nas últimas décadas do Império e outro, no início da República. Os artistas, seguiram em viagem de aperfeiçoamento para a Europa, através de concursos na Escola ou com o apoio da Assembleia Legislativa da Bahia, com exceção de Oséas. Também deixaram dezenas de pinturas nos acervos baianos, com ampla cobertura dos jornais. Do grupo de artistas formados na República, apenas Robespierre de Farias não retornou para a Escola como professor.

Apresentamos os artistas na tese por ordem de entrada na instituição. Atualmente, passamos a identificar como consagrados, os pintores Manoel Lopes Rodrigues, Presciliano Silva, Alberto Valença e Mendonça Filho, todos ex-professores da EBAB e reconhecidos pela historiografia brasileira desenvolvida a partir dos anos de 1920.

Podemos constatar a partir da leitura das Atas das sessões de Congregação da EBAB, assim como através dos jornais da época, que a Escola passou por uma crise financeira que persistiu por mais de duas décadas. Para sobreviverem, os professores ensinavam em outras instituições e assumiam encomendas de retratos pintados, principalmente de instituições religiosas, políticas e de faculdades.

Os políticos republicanos procuravam substituir os símbolos ligados ao Império. Isso criou uma demanda por retratos, gênero pictórico de grande interesse no período. Afrânio Simões Filho (2003, p. 82) destaca a encomenda de retratos pelas irmandades leigas e pela administração pública.

Os pintores Manoel Lopes Rodrigues, Oséas Alves dos Santos e Francisco Vieira de Campos, geração formada ainda no Império, dominavam a cena artística, dando segmento à longa tradição pictórica do Século XIX. Esses foram os grandes professores/pintores da última década do Século XIX e das primeiras do XX, entretanto, apenas Manoel Lopes foi reconhecido por nossa historiografia.

Entre nossos objetivos específicos, buscamos valorizar os pintores ocultados pela Ebab e pela historiografia modernista baiana; estudar a formação dos artistas baianos da geração República; revelar informações sobre suas viagens de aperfeiçoamento;

apontar as razões e efeitos da crise econômica na Ebab entre 1900 e 1930; os conflitos e os motivos para o afastamento de parte de seus professores, na década de 1930; entender os objetivos do grupo de engenheiros que assumiram a Ebab no mesmo período e, por fim, analisar o papel da Escola no cenário artístico, identificando, catalogando e analisando suas obras dentro do período histórico.

Para tanto, dividimos nosso trabalho da seguinte forma: No capítulo 1 (A historiografia da pintura baiana e sua memória) revisamos os textos sobre os pintores baianos ao longo do Século XX, principalmente aqueles produzidos pela EBAB, a partir de 1940, e sua repercussão na produção historiográfica da segunda metade do Século XX. Abordamos a questão da memória coletiva da instituição e o esquecimento de alguns pintores, apontando as consequências dessas escolhas para o reconhecimento dos artistas. Fundamentamos nossas ideias sobre o esquecimento historiográfico à luz dos teóricos Marc Bloch (2001), Eric Hobsbawm (2013), Jacques Le Goff (2013), Paul Ricœur (2003), Joël Candau (2019) e Maurice Halbwachs (1990), Michel Certeau (1982) e Michael Pollack (1989) pensadores que discutem a construção da história e os processos relativos às memórias coletivas e individuais.<sup>3</sup>

Como abordagem teórica, utilizamos o método histórico e social, além de princípios do método filológico. A filologia utiliza o método histórico-comparativo para identificar expressões ou palavras recorrentes dentro de uma determinada época, confrontando os dados com suas fontes (PEREIRA DA SILVA, 2012, p. 252). Os textos analisados compreendem boa parte do Século XX, chegando aos nossos dias.

Como a arte oficial restringia-se à Escola de Belas Artes, no capítulo 2 (Os pintores baianos às portas da República) traçamos um panorama sobre a formação dos pintores estudados, os principais acontecimentos e suas produções. No item 2.1 (A República e a Escola de Belas Artes da Bahia) analisamos a situação econômica da Escola, a entrada dos ex-alunos no quadro de professores.

Visando desmitificar o papel de Manoel Lopes Rodrigues na formação dos pintores da geração República, ou seja, Olavo Baptista, Presciliano Silva, Robespierre de Farias e Alberto Valença, incluímos no item 2.1.1 (A formação artística da geração República)

---

<sup>3</sup> Respectivamente Apologia da História (2001); Sobre a História (2013); História e Memória (2013); A memória, a história e o esquecimento (2007); Memória e identidade (2019); A escrita da história (1982) e Memória, esquecimento, silêncio (1989)

informações sobre a contratação dos professores estrangeiros Maurice Grün e Gabriel Sentis e como eles contribuíram para a melhoria do ensino na Escola, iniciando, por exemplo, os prêmios de viagem à Europa. Esses professores estrangeiros nunca foram objeto de pesquisa, subestimados na formação dos pintores baianos formados na última década do século XIX.

No item 2.2 (Entre Brasil e França. Prêmios de viagem e formação em Paris) discutimos sobre os concursos de viagem dos pintores baianos Archimedes José da Silva, Olavo Baptista, realizados na Escola, e os créditos aprovados pela Assembleia Legislativa da Bahia para o aperfeiçoamento de Presciliano Silva e Robespierre de Farias, além de algumas informações sobre a permanência dos artistas na Academia Julian de Paris. No item 2.3 (O retorno dos pintores ao Brasil e à Bahia) revelamos como foi o retorno dos artistas e como se inseriram no mercado baiano. Por fim, no item 2.4 (A persistência do retrato na Bahia durante a República) destacamos o papel do gênero em nosso estado, comparando-o com o cenário nacional.

O capítulo 3 (A Ebab e o Legado Caminhoá) abordamos sobre a doação testamentária conhecida como Legado Caminhoá que foi destinada à Escola,<sup>4</sup> analisando os prêmios de viagem da década de 1920, a repercussão do legado nos jornais públicos, a contratação de professores e a compra de materiais para os cursos. O capítulo ficou assim dividido: No item 3.1 (Os prêmios de viagem Legado Caminhoá – Década de 1920) apresentamos os primeiros concursos com os recursos do Legado Caminhoá: Carlos Sepúlveda em 1920, Mendonça Filho em 1921 e Lourenço Conceição em 1925.

No item 3.2 (O legado em evidência) demonstramos como os recursos do Legado atraíram um grupo de engenheiros com a intenção de reerguer o curso de arquitetura. No item 3.3 evidenciamos o conflito entre os artistas e engenheiros pelos recursos, dividindo à Escola em dois grupos. No item 3.4 (A situação econômica da escola durante o conflito) apresentamos em valores da época, os gastos efetuados pela

---

<sup>4</sup> Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá deixou em testamento três cláusulas, cada uma destinando 240 apólices de 1:000\$000 para os governos do estado da Bahia, Rio de Janeiro e para a França. Cada cláusula indicava que o governo deveria dividir sua parte da seguinte forma: metade para casas de caridade e a outra metade para suas respectivas Escolas de Belas Artes. As partes destinadas às escolas deveriam financiar a viagem de aperfeiçoamento de arquitetos, pintores e escultores.

Congregação, e, por fim, o subitem 3.4.1 (Os pintores aposentados e demitidos) onde focamos os artistas e suas produções fora da instituição.

No capítulo 4 (Um novo projeto para a Ebab) discutimos sobre o projeto iniciado pelos engenheiros para reerguer o curso de arquitetura da Escola. No item 4.1 (A Ebab e a Universidade da Bahia 1940 a 1950) analisamos a Escola sob a perspectiva da criação da Universidade. No item 4.2 (A federalização da Ebab e a desanexação do curso de arquitetura) refletimos sobre a evolução da Escola, os textos produzidos sobre sua história e como afetaram a memória dos antigos artistas. Também apresentamos o resultado do projeto, com o reconhecimento do curso de arquitetura, a federalização da Escola e a criação da Faculdade de Arquitetura. Finalizamos com o item 4.3 (Museus baianos e a propagação dos artistas), onde apontamos algumas questões que contribuíram para o ocultamento dos pintores.

Nas análises das obras, capítulo 5, resgatamos, principalmente, a produção dos pintores que foram ocultados, comparando-as com a produção dos consagrados, destacando os distanciamentos e aproximações entre as mesmas. Escolhemos obras para as análises que foram importantes no contexto da época, mencionadas em periódicos contemporâneos aos artistas.

Escolhemos obras dos pintores consagrados produzidas nas primeiras décadas do Século XX para podermos comparar com a produção dos esquecidos, verificando principalmente as inovações estéticas que explicassem a desvalorização dos outros pintores.

A tese reconstrói a história institucional e dos artistas, a partir da leitura e estudo de fontes primárias e secundárias. Utilizamos livros sobre os artistas consagrados e dissertações sobre as artes baianas; documentos históricos do arquivo da EBAB; Relatórios do Governo do Estado da Bahia e da Câmara dos Vereadores, periódicos, jornais do final do Século XIX e da primeira metade do Século XX, disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. As informações sobre a Academia Julian de Paris foram pesquisadas através dos sites *Retronews*, Biblioteca Nacional da França e *France Archives*.

Nos últimos anos, todo o cenário pandêmico criado pela COVID 19 restringiu o acesso em instâncias das prefeituras, do governo e acervos familiares. Mesmo assim,

conseguimos registrar uma grande quantidade de obras desenvolvidas pelos artistas. Na Bahia, utilizamos principalmente os acervos dos jornais *A Tarde*, *Diário da Bahia*, *Estado da Bahia* e *O Imparcial*, disponíveis, para consulta física, na Biblioteca Central do Estado. Documentos oficiais do governo foram consultados no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB).

A pesquisa de campo incluiu algumas cidades do interior da Bahia, principalmente no Recôncavo baiano, locais cuja economia atraiu os pintores retratistas. Entre igrejas, conventos, Santas Casas da Misericórdia, arquivos municipais e acervos particulares, conversamos com muita gente. Vale destacar as cidades de Nazaré das Farinhas e Santo Amaro da Purificação, que revelaram inúmeros trabalhos de Vieira de Campos. Já as cidades de Ilhéus, Itabuna e Itajuípe revelaram histórias e obras do pintor Antonio Olavo Baptista.

A falta de dados biográficos e obras de alguns pintores nos forçou a ampliar a busca por outros Estados. No estado de Sergipe, percorremos as cidades de São Cristóvão, Laranjeiras, Maruim, Aracaju e Estância. Nesses recantos, várias lacunas foram preenchidas, embora, em alguns momentos, portas tenham sido fechadas. Destacamos alguns trabalhos encontrados, do pintor Oséas Alves dos Santos, no acervo do Instituto Geográfico e Histórico de Sergipe, Museu do Judiciário de Aracaju, Palácio Olímpio Campos e no Centro de Cultura de Aracaju.

Em Maceió e Marechal Deodoro, no estado de Alagoas, poucos trabalhos foram encontrados, embora seus periódicos tenham revelado informações sobre Olavo Baptista. Saindo do Nordeste, seguimos para o Rio de Janeiro em busca de informações do pintor Archimedes José da Silva, além de possíveis obras dos outros pintores. Pouco foi encontrado durante a pandemia.

Contamos com o apoio de Roberto de Farias, neto do pintor Robespierre de Farias, que compartilhou informações familiares. Também realizamos algumas entrevistas que, na maioria das vezes, repetiam informações de jornais ou revistas do início do Século XX, comprovando a existência de uma memória construída durante a segunda metade do Século XX, a partir dos textos elaborados depois da década de 1930.

Ressaltamos que os textos produzidos na segunda metade do Século XX, sobre os pintores e sobre suas produções artísticas, não foram desconsiderados, embora tentássemos encontrar outros documentos que pudessem confirmá-los.